

UM PORTO SEGURO PARA AS ELITES: VARNHAGEN E A NARRATIVA CONSERVADORA

Autor: Marcelo Barbosa da Silva (UERJ)
Orientador: João Cezar Castro Rocha (UERJ)

Resumo: O presente artigo pesquisa visa identificar e problematizar – no interior da obra de Francisco Adolfo de Varnhagen (1816-1878), o Visconde de Porto Seguro – os elementos mais visíveis do discurso sobre a chamada identidade nacional elaborado pelas elites brasileiras, chamando atenção para suas raízes de nítido perfil conservador. No entanto, mais do que indagar acerca do conservadorismo como fenômeno político, nosso foco estará direcionado para o aspecto cultural dessa manifestação de ideias. Em particular, a forma como tal corrente de opinião expressou seus desejos e impasses por meio de recursos estéticos, lançando mão, inclusive de narrativas com forte impacto ficcional conforme aquelas contidas na historiografia de Porto Seguro. Para auxiliar na compreensão dos mecanismos de legitimação dessa ordem-excludente e autoritária, por excelência - será convocado o depoimento de importantes comentadores da obra de Varnhagen, a exemplo de Antonio Candido, Sergio Buarque de Hollanda e Caio Prado Júnior, em chave crítica; e Oliveira Vianna e Gilberto Freyre, entre outros, em registro mais apologético. Nosso objetivo, dessa maneira, persegue a compreensão do motivo pelo qual as representações ideadas por autores como Varnhagen, mas não só ele, prosseguem tão presentes no imaginário contemporâneo. Quero crer que abordagem do caráter antropológico da ficcionalidade – na moldura concebida por Wolfgang Iser e desenvolvida por João Cezar Castro Rocha — permitirá promover essa aproximação em face da obra de um autor ainda pouco estudado na área de Letras.

Palavras-Chave: Literatura, Questão Nacional, história.

Diante da dificuldade provocada pela leitura de um determinado conjunto de obras – e não querendo incorrer no anacronismo de “julgar” um autor do passado com base em valores do presente – alguns comentadores preferem a opção de descrever o trabalho de certos prosadores por meio de uma fórmula: a do testemunho de uma época. Um lugar comum, sem dúvida. Mas que se aplica, com perfeição, à escrita – bem como à biografia - de Francisco Adolfo de Varnhagen, o Visconde de Porto Seguro. De fato, nos livros desse futuro aristocrata fizeram estreia inúmeros mitos de fundação do Brasil. Alguns deles, de grande durabilidade. Um olhar, cumpre reconhecer, dedicado ao elogio do papel civilizatório das elites coloniais, por isso mesmo, muito criticado. Menos em vida e mais após o desaparecimento do autor, em 1878. Desde então, a lista de seus detratores não cessou de crescer.¹ Seguramente um número de antagonistas muito superior ao dos admiradores como Oliveira Vianna e Gilberto Freyre.

Anotado dessa maneira, pode parecer que não haja o que celebrar na militância intelectual desse personagem da cena cultural oitocentista. O que seria uma

¹ A lista de autores marcados pela dissensão em face das ideias de Varnhagen inclui, entre outros, Caio Prado Júnior, Sergio Buarque de Hollanda, Nelson Werneck Sodré, Alfredo Bosi e Nilo Odália.

injustiça. Afinal, poucos realizaram tanto pela ciência histórica. Seus métodos, marcados pelo apego às fontes documentais, trouxeram para os nossos trópicos a obsessão pela consulta a informações de arquivo, procedimento já então corrente na Europa. Conciliando a índole de pesquisador ao ofício de diplomata, Varnhagen percorreu boa parte do Velho Mundo em busca de informações sobre a gênese do Brasil. Em face do papel primordial da contribuição desse autor, seus contemporâneos lhe atribuíram a alcunha ligeiramente hiperbólica de “Heródoto Brasileiro”. Como se não bastasse, a reconstituição de todo o movimento literário observado no país, das crônicas de viagem até o advento da poesia romântica, encontra menção nos livros alentados desse desbravador de caminhos nascido em Sorocaba, São Paulo.

Nenhum desses méritos anula, é bem verdade, o incômodo provocado pela leitura de textos como *História das Lutas com os Holandeses no Brasil*, tanto em termos de conteúdo quanto de forma. Não à toa, Capistrano de Abreu(1975) dizia que, ao ler os livros de Varnhagen, por vezes, sentia ganas de “fechar o volume”. Pois chegou a hora de abrir seus livros, que devem ser lidos com olhos bem abertos.

Desprovida de encanto, a prosa de Varnhagen padece por ser convencional, burocrática mesmo, até para os padrões de escrita cultivados por seus contemporâneos, sabidamente pouco inspirados, do IHGB (com as exceções de praxe, no molde de um Alencar). Quanto à poesia do responsável pelo *Ensaio Sobre as Letras no Brasil*, Antonio Candido(2000) fulmina: “É de mau gosto”. No que se refere ao conjunto de ideias expressas nos textos do Varnhagen, em grande parte associadas a uma visão apologética do passado colonial brasileiro, de exaltação à componente europeia de nossa matriz civilizatória, o divórcio em relação ao senso comum do leitor de hoje se aprofunda. A obra de Varnhagen exala conservadorismo. Em sua síntese historiográfica, toda a iniciativa e protagonismo pertencem às elites: o povo não conta nem para conferir “cor local” à narrativa de construção da nacionalidade, como na proposta dos indianistas, entre os quais, Gonçalves Dias.

A essa altura, quem me lê poderá vaticinar: jejuna de atrativo estético e comprometida com uma visão de mundo ultrapassada, a obra de Varnhagen caminha para o esquecimento, não? Pelo contrário. A julgar pelos levantamentos mais recentes(ALMEIDA, 2006, p.3), não pára de aumentar a fortuna crítica de seus textos. Fenômeno verificado em grande medida nos domínios das ciências sociais e história,mas que não precisaria passar ao largo dos estudos de letras. Para os pesquisadores vinculados a procedimentos de desconstrução literária(BLACKBURN,

1997 P.95), o acesso aos escritos desse autor do século XIX, permite reconstituir, com alguma segurança, os contornos de uma sociedade patriarcal, afastada no tempo, mas cujas manifestações ainda continuam presentes, na atualidade, sob forma de elitismo, racialismo, machismo, entre outros “ismos” que remetem a patologias sociais. Enfim, consistiria num exercício estimulante submeter as concepções de Varnhagen a um procedimento de arqueologia das idéias(FOUCAULT,1966 p.4). Devo advertir, no entanto, que a obra do subscritor do *Florilégio da Poesia Brasileira*, se presta a outro tipo de leitura.

Assim, longe de querer desautorizar a abordagem desconstrucionista – no fundamental bastante produtiva – existem outras maneiras de tomar contato com esse clássico em tanta medida problemático. Em tais casos, é de se recomendar os procedimentos de uma leitura a contrapelo.

De início, que fique bem claro, não se pretende aqui atribuir a Varnhagen a invenção do conservadorismo nativo, ideologia existente em potência desde Portugal e alvo de transplante para terras brasileiras tão logo instalada a Colônia. Porém sem a intervenção do historiador do IHGB, tal modalidade de pensamento social jamais atingiria a performance obtida entre o Segundo Reinado e os nossos dias. Isto é, Varnhagen não criou, mas *sistematizou* a narrativa conservadora brasileira. Mais que isso, atualizou-a. O resultado assumiu funcionalidade num nível destinado a influenciar todas os níveis da cultura brasileira, do segmento cultivado dos museus e academias à cultura popular presente nos desfiles das escolas de samba. Ao que tudo indica, tal feito apenas tornou-se possível em virtude da clara distinção – no interior do ideário do sorocabano – entre conservadorismo e reacionarismo, expressões equiparadas no mundo contemporâneo, mas no entanto, dotadas de trajetórias distintas na história das ideias.

Dentre muitas dinâmicas, diversos “tipos ideais”, abrangidos pelo termo conservadorismo,(BOBBIO, 1993, p.242) possivelmente o mais compatível com as expectativas de Varnhagen e as elites do seu tempo, seja o do exercício do poder, em particular o de natureza política, como “cimento” da sociedade, instância de controle sem o qual a anarquia se instala, corroendo toda a estrutura da “nação”. Em busca da *evolutio* dentro da ordem, o conservador pretende a manutenção das regras do sistema político. Isso acima de quaisquer outras considerações. Um método no qual a mudança não se encontra, *a priori*, excluída, até porquê, seguindo a receita aviada pelo grande teórico do conservadorismo no século XVIII – Edmund Burke – “um Estado onde não se pode mudar nada não tem meios de se conservar”.(BURKE, 1982) Curiosamente, a

frase do político irlandês poderia ter sido pronunciada noutro contexto geográfico, o da Itália do *Risorgimento* magnificamente recriada por Visconti, em *O Leopardo* (a partir de uma romance de Lampedusa). No filme, o personagem principal, o Príncipe de Salina, profere a célebre sentença: “é preciso que as coisas mudem para que permaneçam como estão”.

Conferindo estabilidade – quando não imobilidade – à formação social brasileira nos últimos duzentos anos, a prática e o discurso conservadores capacitaram as elites do país a lidar com os conflitos políticos por meio do esvaziamento do potencial de ruptura das crises, pela indução de soluções de compromisso. Os exemplos falam por si: da Independência à Revolução de 1930, passando pela Abolição da Escravatura, todas as mudanças aconteceram por assim dizer, “pelo alto”.(VIANNA, 2006 P.13) De mesma maneira, os processos de industrialização e urbanização acelerada das últimas décadas do século XX tornaram-se realidade sem alterações dos perfis de distribuição de renda. Mesmo a eleição e o prosseguimento de governos encabeçados por um partido manifestamente “de esquerda” só foram possíveis por meio de concessões – e aqui não se discute se justificadas ou não – ajustadas na chamada *Carta aos brasileiros*. Pelo que se pode pensar, nada obstante as atualizações, o eco das ideias articuladas por Varnhagen continua ouvido no Brasil de hoje.

Comumente associado à esfera da política, o conservadorismo fornece, no entanto, no plano da cultura, a sua melhor chave de compreensão. Ou seja, aparentemente simples, a execução da proposta conservadora demanda o manejo de uma sofisticada rede de produção simbólica, organismo responsável por gerar e reproduzir valores culturais de afirmação do estabelecido, em níveis que se articulam ao Estado, a igreja, a escola, a economia, as artes, os esportes, entre outros nexos. Um procedimento no qual não basta produzir o veto às concepções de mundo ditas progressistas, ou ainda o repúdio às expectativas de avanço da sociedade, como na cartilha do reacionarismo. A alternativa metodológica de pensadores como Varnhagen e seus seguidores supõe uma outra atitude: a da *arbitragem* entre os níveis de mudança e de continuidade a ser administrados nos variados compartimentos da vida pública e privada brasileira, sempre em benefício da manutenção do *status quo* em vigência a cada momento. Pouco marcado pela busca por coerência, esse tipo de pensamento venceu as barreiras do tempo, especialmente por sua conformidade ante às expectativas dos segmentos situados no topo da pirâmide social. Empenhado nesse projeto, Porto Seguro formulou opiniões tornadas unanimidade sobre temas espinhosos: exaltou o

processo de independência política do Brasil, mas criticou os inconfidentes e demais precursores da autonomia; opõe-se ao latifúndio, sem deixar de louvar os grandes proprietários rurais; aceitou a mestiçagem racial como fato, desdenhando, porém, a contribuição civilizatória de negros e índios ao uma matriz de identidade comum aos brasileiros, entre muitos outros tópicos.

À guisa de formulação de hipóteses, em suma, é de se indagar: a leitura da obra de Vanhargen realmente permite a discernir a silhueta das formas ambivalentes assumidas pelo discurso conservador? Ou ainda, em que medida seus textos permitiram – e permitem – às elites explorar a tensão entre arcaico e moderno, na lógica da afirmação do pólo da tradição? Diante deste desenvolvimento contraditório – por vezes, mais funcional que dialético, como pretende Francisco de Oliveira(2003) – qual a contribuição pode se esperar dos estudos literários que já não tenha sido aportada anteriormente pela historiografia, economia ou ciência política?

Um bom ponto de partida para começar a enfrentar estas questões, a meu ver, consistiria na adoção de enfoque teórico compatível com a natureza de nosso objeto de estudo. Manifesto a crença de que tal abordagem pode ser buscada junto à chamada teoria da recepção literária.

Na trilha do argumento de Wolfgang Iser, conforme é sabido, João Cezar de Castro Rocha desenvolveu a observação pela qual a ficcionalidade detém um forte caráter antropológico, sendo inata a disposição humana para o ficcional e o imaginário. Experiência que certamente não se exaure nos domínios do literário, mas também não o exclui:

Iser tem dado dimensão filosófica a essa experiência (*a da recepção*) através da pergunta: por que os homens parecem ter necessidade de ficção? Em *Dom Casmurro*, Machado de Assis já havia intuído a resposta: inventamos histórias porque não conseguimos atar com sucesso as duas pontas mais importantes da vida – o nascimento e a morte. Somente temos acesso a essas experiências mediante o mundo “como se”, o mundo do imaginário, o mundo da criação de histórias.(ROCHA, 2015 p.468).

Por esse veio promissor de análise, a escrita de Varnhagen pode ganhar novas vias de contato. De fato, tal angulação permite ao pesquisador livre de preconceitos desviar o foco das suas investigações do aspecto formal – de diminuta relevância, no caso – para se concentrar na rica capacidade de fabulação desse autor tão controverso, em suas relações às expectativas de seu público leitor. E, com isso, acertadamente, recuperar uma dimensão estética que se via oculta no estilo manifestamente pesado do responsável pela *História Geral do Brasil*. Sim, porque mesmo soterrada sob uma montanha de datas, acontecimentos e de nomes, a narrativa histórica de Varnhagen flerta descaradamente com a fantasia ficcional de quem pretende recriar o passado de olhos postos no futuro.

Conforme o explicitado em seção anterior deste artigo, a categoria central de compreensão a ser adotada aqui será a da estética da recepção, tanto em sua versão fundadora, formulada, entre outros, por Wolfgang Iser, quanto no original desdobramento proposto por João Cezar de Castro Rocha. No mais, a especificidade do objeto da presente pesquisa aconselha o uso de procedimentos recolhidos junto à chamada história literária. Exigindo, ainda, a remissão ao trabalho de autores capazes de diálogo com essa perspectiva: Antonio Candido, José Veríssimo, Roberto Schwarz, Silviano Santiago, Afrânio Coutinho, Walnice Nogueira Galvão, entre outros estudiosos capazes de conciliar a análise dos elementos intrínsecos da fatura da obra com a reconstituição do contexto social – e cultural- que a acompanha. Sem esquecer das referências internacionais em tal debate, a exemplo de Erich Auerbach, apenas para citar um entre muitos. Para uso de adequado das noções respectivamente, de narrativa e conservadorismo, pretendo me valer das contribuições mais dois teóricos de fora do país: Georg Lukács e Norberto Bobbio.

Referências:

ABREU, J. Capistrano de. *Ensaio e Estudos: Crítica e História*. Rio de Janeiro/Brasília: Civilização Brasileira/INL, 1975.

ALMEIDA, Gisele Cristiani Cipriani. Fortuna Crítica de Varnhagen: Anais do XVIII Encontro Regional de História, 2006, Apuh-Unesp, www.anpuhshp.org.br, acesso em 5.10.2015.

- ALONSO, Angela. *Joaquim Nabuco: O Crítico Penitente*. In: BOTELHO, André; Schwarcz, Lillia (Orgs.). *Um Enigma Chamado Brasil – 29 Intérpretes e Um País*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- ANDRADE, Mário de. *A Lição do Amigo*, Cartas de Mario de Andrade a Carlos Drummond de Andrade. Rio de Janeiro: Record, 1988.
- ANDRADE, Olímpio de Souza. *História e Interpretação de Os Sertões*. 4. ed, Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2002.
- ANTONIL apud BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- ARANTES, Paulo Eduardo. *Um Departamento Francês de Ultramar*. São Paulo: Paz e Terra, 1994.
- ATAÍDE, Tristão de. *Primeiros Estudos. Contribuição à História do Modernismo: o Pré – Modernismo*. Rio de Janeiro: Agir, 1948.
- AUERBACH, Eric. *Mimesis: As Representações da Realidade na Literatura Ocidental*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Tradução de Michel Lahud et al. São Paulo: Hucitec, 1986.
- BALZAC, Honoré de. *As Ilusões Perdidas*, V. I. Tradução de Leila de Aguiar Costa. São Paulo: Abril Coleções, 2010.
- BARIANI, Edison. O Estado Demiurgo: Alberto Torres e a Questão Nacional. Revista virtual *Achegas* n. 36, 2007. Disponível em: <[HTTP://www.achegas.net](http://www.achegas.net)>. Acesso em: 25.04.2010.
- BOBBIO, Norberto. *Dicionário de Política*. Tradução coordenada por João Ferreira. Brasília: Universidade de Brasília, 1993.
- BOMFIM, Luiz Paulino. *Pequena Biografia de Manoel Bomfim*. In: BOMFIM, Manoel. *A América Latina: Males de Origem*, 3. Ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005.
- BOMFIM, Manoel. *A América Latina: Males de Origem*. 3. ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005.
- BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 51. ed. São Paulo: Cultrix, 1994.
- _____, *Dialética da Colonização*. 1.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- BLACKBURN, Simon. *Dicionário Oxford de Filosofia*. 1. ed. tradução de Desidério Murcho e et al. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BUARQUE, Cristovam. *A Aventura da Universidade*. 1. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

BURKE, Edmund. *Reflexões sobre a Revolução Francesa*. 1 ed. tradução de Renato Assumpção Faria, Denis de Souza Pinto e Carmem Lidia Richter Ribeiro Moura. Brasília: Universidade de Brasília, 1982.

CAMINHA, Pero Vaz de. *Carta a El Rei D. Manuel*. Edição de Base. São Paulo: Dominus. Disponível em <<http://www.literaturabrasileira.ufsc.br>>. Acesso em: 25.04.2010, 1963.

CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira: Momentos Decisivos*, 6. Ed.V.2. Belo Horizonte: Itatiaia Ltda., 2000.

_____, Antonio. Literatura, Espelho da América?. In: *Remate de Males*. Campinas: Departamento de Teoria Literária IEL/UNICAMP, Campinas, 1999.

_____, Antonio. *O Método Crítico de Silvio Romero*. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

CARDOSO, Fernando Henrique. *Capitalismo e Escravidão no Brasil Meridional*. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARVALHO, José Murilo de. Radicalismo Político no Segundo Reinado. In: BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lillia. (Orgs.). *Um Enigma Chamado Brasil – 29 Intérpretes e Um País*. 1.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CARVALHO, Maria Alice Rezende de. André Rebouças e a Questão da Liberdade. In: BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lillia. (Orgs.). *Um Enigma Chamado Brasil – 29 Intérpretes e Um País*. 1.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CORBISIER, Roland. *Autobiografia Filosófica*. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

COUTINHO, Carlos Nelson. *Subordinação formal e Subordinação Real: ou Como As Idéias “Entram no Lugar”*, Disponível em: <www.algoadizer.com.br>. Acesso em: 04.07.2010, setembro/2008.

DIMAS, Antonio. O Turbulento e Fecundo Sílvio Romero. In: BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lillia. (Orgs.). *Um Enigma Chamado Brasil – 29 Intérpretes e Um País*. 1.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

FAORO, Raymundo. *Os Donos do Poder*. 3. Ed. São Paulo: Globo, 2001.

GALVÃO, Walnice Nogueira. *Depoimento Sobre Euclides da Cunha*. Sítio da Academia Brasileira de Letras, 2003. Disponível: < <http://www.academia.org>>. Acesso em: 15.11.2010.

- GELLNER, Ernest. O Nacionalismo: Mitos da Nação e da Classe. In: BALAKRISMAN, Gopal. (Org). *Um Mapa da Questão Nacional*. 1 ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.
- GORENDER, Jacob. Liberalismo e Escravidão. Entrevista para *Estudos Avançados*. V. 16, n. 46, São Paulo, 2002. Disponível em: < www.scielo.br.> Acesso em: 10.11.2010.
- HABERMAS, Jürgen. *As Realizações e Limites do Estado Nacional Europeu*. In: BALAKRISMAN, Gopal. (Org). *Um Mapa da Questão Nacional*. 1 ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.
- KANT, Immanuel. *Crítica da Razão Pura*. Tradução de J. Rodrigues de Meringe. Rio de Janeiro: Ediouro, 1990.
- KONDER, Leandro. *A derrota da Dialética*. 1.ed. Rio de Janeiro: Campus, 1988.
- KOSIK, Karel. *Dialética do Concreto*. 1. ed. Tradução de Célia Neves e Alderico Toríbio. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- LIMA, Carlos, *Genealogia Dialética da Utopia*. 1. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.
- LOBATO, Roberto Corrêa e ROSENDAHL, Zeny. *Paisagens, Textos e Identidade*. 1.ed. Rio de Janeiro: Eduerj, 2004.
- LÖWY, Michael e SAYRE, Robert. *Romantismo e Política*. São Paulo: Paz e Terra, 1993.
- LUKÁCS, Georg. *A Teoria do Romance*. 2. ed. Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Duas Cidades/34, 2009.
- MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Obra Completa*. V. 3. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 2004.
- MACHADO, Ubiratan. *A Vida Literária no Brasil Durante o Romantismo*. 1. ed. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001.
- MARX, Karl, *O 18 Brumário e Cartas a Kugelmann*. Tradução revisada por Leandro Konder. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1974.
- NABUCO, Joaquim. *O Abolicionismo*. Brasília: UnB, 2003.
- _____, Joaquim. *Um Estadista do Império*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997.
- _____, Joaquim. *Minha Formação*. Rio de Janeiro: W.M Jackson Editores, 1964.
- NOGUEIRA, Marco Aurélio. *As Desventuras do Liberalismo*. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- ODÁLIA, Nilo. *As Formas do Mesmo: o Pensamento Historiográfico de Varnhagen e Oliveira Vianna*. São Paulo: Unesp, 1997.

OLIVEIRA, Francisco de. *Crítica à Razão Dualista/ O Ornitorrinco*. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2003.

PINASSI, Maria Orlanda. *Da Miséria Ideológica à Crise do Capital*. 1. ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2009.

PORTELLA, Eduardo. *O Ensaio*. Conferência proferida na Academia Brasileira de Letras, 2000. Rio de Janeiro. < <http://www.academia.org> > Acesso em 25.03.2010.

PRADO JÚNIOR, Caio. *Formação do Brasil Contemporâneo*. São Paulo: Publifolha, 2000.

REIS José Carlos. *As Identidades do Brasil, de Varnhagen a FHC*. V. I. Rio de Janeiro: FGV, 2009.

RIBEIRO, Darcy. A Civilização Emergente. In: *Revista do Brasil*. Rio de Janeiro: Funarj, 1985.

ROCHA, João Cezar de Castro. *Nenhum Brasil Existe- Pequena Enciclopédia*. 1. ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003.

_____. *Por Uma Esquizofrenia Produtiva (Da Prática à teoria)*. 1. ed. Chapecó: Argos, 2015.

ROMANO, Roberto. Entre as Luzes e os Nossos Dias In: DORIA, Francisco Antonio. (Org.). *A Crise da Universidade*, Rio de Janeiro, Revan, 1998.

SAID, Edward W.. Representações do Intelectual. 1. ed. Tradução de Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SILVA, Marcelo Barbosa da. *A Nação se Concebe por Ciência e Arte: Três Momentos do Ensaio de Interpretação do Brasil no Século XIX*, Rio de Janeiro: Revan, 2013.

_____. Um Projeto de Nação, SILVA, Marcelo Barbosa da. (Org.). *Território Livre da Democracia*, V.II. Rio de Janeiro: Jardim Objeto, 2015.

SCHWARZ, Roberto. *Ao Vencedor as Batatas*. 5. ed. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2008.

SÜSSEKIND, Flora. *Papeis Colados*. 2. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.

TOLEDO, Caio Navarro. *ISEB, Fábrica de Ideologias*. 2. ed. São Paulo: Unicamp, 1997.

TOLSTOI, Leon. *Guerra e Paz*. tradução de Gustavo Nonnenberg. Rio de Janeiro: Ediouro, 1980.

TORRES, Alberto. *O Problema Nacional Brasileiro*. 4. ed. São Paulo/Brasília: Nacional/UnB, 1982.

VARNHAGEN. Francisco Adolfo de. *História Geral do Brasil*. 8. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1975.

VIANNA, Luiz Werneck. *Esquerda Brasileira e Tradição Republicana*. Rio de Janeiro: Revan, 2006.